



A IGREJA QUE ESTÁ EM TUA CASA

MINISTÉRIO DE PEQUENOS GRUPOS

VINHO NOVO, ODRES NOVOS

Guia de Estudo

12

Este Guia de Estudo refere-se ao décimo segundo sermão da série *Vinho Novo, Odres Novos*, pregado pelo Pr. Ed René Kivitz em 13 de junho de 2010 e disponível em áudio para download no site da Ibab (ibab.com.br). Ele foi elaborado para facilitar a discussão em Pequenos Grupos.

IGREJA BATISTA DE ÁGUA BRANCA

Mais Cristo, menos Cristianismo

*Ser um sinal histórico do reino de Deus
levando o evangelho todo para o homem todo
priorizando relacionamentos
envolvendo todos os frequentadores
além dos limites culto-clero-domingo-templo*

Cristianismo e religião

O Cristianismo é considerado entre as cinco grandes religiões do mundo, ao lado de Judaísmo, Islamismo, Budismo e Hinduísmo. Para incluir o Cristianismo na categoria de religião devemos recorrer às Ciências das Religiões, que oferecem algumas definições que indicam o que os fenômenos sociais religiosos têm em comum. Otto Maduro, por exemplo, define a religião como “um conjunto de discursos e práticas, referente a seres anteriores ou superiores ao ambiente natural e social, em relação aos quais os fiéis desenvolvem uma relação de dependência e obrigação”¹. Outro teórico importante é Émile Durkheim, que considera a religião “um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, pessoas que a elas aderem”².

Podemos simplificar dizendo que uma religião possui crenças, rituais e códigos morais referentes a divindades. Nesse sentido, o Cristianismo é mesmo uma religião, pois possui crenças e dogmas, liturgias e cultos, e padrões de comportamento exigidos de seus fiéis. Desse ponto de vista, o Cristianismo é uma religião como qualquer outra. Mas nem sempre foi assim.

Quando afirmamos que desejamos ser uma igreja “além dos limites culto-clero-domingo-templo”, queremos dizer que desejamos seguir a Jesus além dos limites da religião, isto é, da religião organizada e institucional. E quando nos referimos à religião, isso inclui o próprio Cristianismo.

Cristo é maior que o Cristianismo

Jesus não fundou uma religião chamada Cristianismo. Jamais podemos nos esquecer de que Jesus não era cristão. Era judeu. Foi criado segundo a Lei de Moisés, frequentava a Sinagoga de sua cidade, e declarou solenemente:

Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus.

[Mateus 5.18,19]

O Cristianismo, conforme o conhecemos hoje, organizado em um sistema de crenças, rituais e morais, e baseado em uma estrutura hierárquica, surgiu muito tempo depois da morte e ressurreição de Jesus. O Cristianismo era inicialmente uma seita do Judaísmo e, inclusive, é considerado uma religião abraâmica. A mensagem de Jesus e o anúncio de que ele havia ressuscitado e estava vivo, sendo o verdadeiro e legítimo Messias prometido pelos profetas hebreus se espalhou desde a Palestina até a Ásia e a Europa, e somente ao final do primeiro século surgiu a ideia de que a igreja é uma instituição determinada pela sua hierarquia

¹ Otto MADURO, Religião e luta de classes. Petrópolis: Vozes, 1981.

² Émile DURKHEIM, As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



funcional. Nessa época os cristãos passaram a discutir mais intensamente a respeito de sua identidade e definição da legítima expressão da igreja de Jesus Cristo, pois estavam divididos em vários grupos, como, por exemplo, os docetistas, gnósticos, marcionitas e montanistas. O conceito de “igreja católica” (universal) surgiu apenas no ano 110 d.C., em uma carta de Inácio, bispo de Antioquia. A “legítima igreja” seria aquela identificada com um conjunto de doutrinas, baseadas em um conjunto específico de livros considerados sagrados e divinamente inspirados (origem do Novo Testamento) e na submissão a uma autoridade eclesial específica em cada região.

O maior fator determinante para a institucionalização do Cristianismo como religião, entretanto, foi, sem dúvida, a conversão do imperador romano Constantino, em 312 d.C.. Passados 300 anos da morte e ressurreição de Jesus, ainda existe uma controvérsia a respeito de sua identidade. Arius, bispo de Alexandria ensinava que Jesus era a primeira das criaturas de Deus, mas não era divino. Para evitar mais divisões na Igreja, Constantino convocou o Primeiro Concílio de Nicéia, em 325 d.C., que assim se pronunciou:

Creemos em um só Deus, Pai todo poderoso, Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis; E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho de Deus, gerado do Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial do Pai, por quem todas as coisas foram feitas no céu e na terra, o qual por causa de nós homens e por causa de nossa salvação desceu, se encarnou e se fez homem, padeceu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus e virá para julgar os vivos e os mortos; E no Espírito Santo. Mas quantos àqueles que dizem: ‘existiu quando não era’ e ‘antes que nascesse não era’ e ‘foi feito do nada’, ou àqueles que afirmam que o Filho de Deus é uma hipóstase ou substância diferente, ou foi criado, ou é sujeito à alteração e mudança, a estes a Igreja Católica anatematiza.

Fiz questão de lhe contar essa história para mostrar que Cristo é maior que o Cristianismo. Mais de 300 anos depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Cristianismo, como religião, ainda está em formulação e ainda busca consolidar em doutrinas e dogmas a identidade e divindade do Cristo. Isso demonstra que a vida de Cristo e sua presença e atuação no mundo extrapolam os limites da religião institucionalizada.

Ainda no primeiro século da era cristã o apóstolo Paulo já afirmava, em sua carta aos Colossenses, que Cristo é maior que o Cristianismo, e que a questão não consiste em formular crenças corretas a seu respeito ou transformá-lo em objeto de discussão teológica e filosófica, mas em estar nele, viver nele e experimentar sua vida em nós.

... aos santos e fiéis irmãos **em Cristo**. [1.2]

... o mistério que esteve oculto durante épocas e gerações, mas que agora foi manifestado a seus santos. A ele quis Deus dar a conhecer entre os gentios a gloriosa riqueza deste mistério, que é **Cristo em vocês**, a esperança da glória. [1.26,27]

Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a **viver nele**, enraizados e edificados nele, firmados na fé, como foram ensinados, transbordando de gratidão. [2.6,7]

Pois vocês morreram, e agora **a sua vida está escondida com Cristo em Deus**. [3.2]



A adoração a Cristo é mais importante que a defesa do Cristianismo

Toda religião está estruturada em dogmas, rituais e códigos morais. O Cristianismo também. Mas não são os dogmas, os rituais e os códigos morais que definem a experiência pessoal com Cristo.

O apóstolo Paulo esclareceu que os seguidores de Jesus não podem ser reduzidos a observadores de rituais e padrões morais.

Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado. Estas coisas são sombras do que haveria de vir; a realidade, porém, encontra-se em Cristo [...] Já que vocês morreram com Cristo para os princípios elementares deste mundo, por que, como se ainda pertencessem a ele, vocês se submetem a regras: “Não manuseie!”, “Não prove!”, “Não toque!”? Todas essas coisas estão destinadas a perecer pelo uso, pois se baseiam em mandamentos e ensinamentos humanos. Essas regras têm, de fato, aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne.

[Colossenses 2.16,17,20-23]

Mais importa a devoção pessoal a Jesus Cristo do que a defesa do Cristianismo, até porque o Cristianismo como religião é indefensável. A começar da impossibilidade de definir o Cristianismo. Isto é, aquele que deseja defender o Cristianismo (ou atacar) deve primeiro dizer de qual Cristianismo está falando. Por exemplo, está falando do Cristianismo católico romano ou protestante? Do movimento carismático ou da teologia da libertação? Do protestantismo histórico ou do neopentecostalismo? Da igreja ortodoxa do oriente ou da igreja ocidental?

Os cristãos não devem se ocupar tanto em defender o Cristianismo como em servir a Cristo. Não raras vezes uma coisa conflita com a outra. Veja, por exemplo, as guerras pelo controle da Terra Santa, as Cruzadas na Idade Média, o conflito entre católicos e protestantes na Irlanda e as tantas divisões das ordens do catolicismo e das denominações do protestantismo evangélico.

Toda vez que a defesa do Cristianismo se tornar prioritária, corremos o risco de sacrificar nossa adoração a Cristo. A defesa dos nossos dogmas, rituais e códigos morais, podem mesmo ter “aparência de piedade”, mas não passa de “religiosidade” [Colossenses 2.23].

A imitação de Cristo é mais importante que a adesão ao Cristianismo

Consta que Mahatma Gandhi teria afirmado a respeito dos protestantes ingleses: “Aceito seu Cristo, mas não aceito seu Cristianismo”. Eis aí uma constatação interessante: não poucas vezes a maneira como pretendemos servir a Cristo implica trair o espírito de Cristo. Talvez tenha sido isso o que Friedrich Nietzsche quis dizer ao afirmar: “Se mais remidos se parecessem os remidos, mais fácil me seria crer no Redentor”.

O apóstolo Paulo estava ciente desse perigo, e por isso recomendou aos cristãos:

Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria. É por causa dessas coisas que vem a ira de Deus sobre os que vivem na desobediência as quais vocês



praticaram no passado, quando costumavam viver nelas. Mas agora, abandonem todas estas coisas: ira, indignação, maldade, maledicência e linguagem indecente no falar. Não mintam uns aos outros, visto que vocês já se despiram do velho homem com suas práticas e se revestiram do novo, o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador. Nessa nova vida já não há diferença entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro e cita escravo e livre, mas Cristo é tudo e está em todos. Portanto, como povo escolhido de Deus, santo e amado, revistam-se de profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência. Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou. Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito. Que a paz de Cristo seja o juiz em seu coração, visto que vocês foram chamados para viver em paz, como membros de um só corpo. E sejam agradecidos. Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seu coração. Tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai.

[Colossenses 3.5-17]

Há muitas pessoas que se declaram adeptas da religião Cristianismo, mas não se comprometem a viver como Jesus Cristo viveu e ensinou. Não estão preocupadas em “guardar (obedecer) todas as coisas que ele ordenou” [Mateus 20.18-20], nem tampouco em “andar como Ele andou” [1 João 2.6].

A respeito dessas pessoas, o próprio Jesus declarou:

Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!

[Mateus 7.21-23]

Considerações finais

Cristo é maior que o Cristianismo. Por essa razão, a adoração a Cristo é mais importante que a defesa do Cristianismo, e a imitação de Cristo é mais importante que a adesão ao Cristianismo.

© 2010 Ed René Kivitz